

Danilo Azevedo

A Faca e a Pele

Belo Horizonte
FALE/UFMG
2006

Diretor da Faculdade de Letras

Jacyntho José Lins Brandão

Vice-Diretor

Wander Emediato de Souza

Comissão editorial

Eliana Lourenço de Lima Reis

Elisa Amorim Vieira

Lucia Castello Branco

Maria Cândida Trindade Costa de Seabra

Sônia Queiroz

Capa e projeto gráfico

Glória Campos

Mangá – Ilustração e Design Gráfico

Preparação de originais e formatação

Júnia Martins

Revisão de provas

Júnia Martins e Danilo Azevedo

Endereço para correspondência

FALE/UFMG – Setor de Publicações

Av. Antônio Carlos, 6627 – sala 3025

31270-901 – Belo Horizonte/MG

Telefax: (31) 3499-6007

e-mail: relin@letras.ufmg.br

vivavozufmg@yahoo.com.br

A um cometa

“Acontece de, muitas vezes, não haver outra maneira de dizer o que se quer, a não ser pelo verso.”

Maiakóvski

Sumário

Apresentação . 11

Corte . 13

Ode à Poesia
Quintana
Linhagem
Incompletude
Ler a Musa
Caverna
Textura
Acerca da Casa
Afazeres
Devir
Apartamento
Astrológica
Bebês
Internautas
Perguntas que o Amor Desfaz
A Faca e a Pele da Foca
Ofício de Ator
Poema do Desterro
Coágulos
Amálgama
Iraq or Leans
Linha do Tempo
Si
A Cidade
Alguém Chamado Rio
Bi-Polar
Apelo
São João
Insites
Ecos
Cultivo
Cadáveres
Conjugações

Voz . 49

Wally Salomão
Às Amigas Multi-Descasadas
O Nome da Falta
Bruxília
Heráclio

Talhe . 57

Poema Sertanejo pruma Mulher do Mundo
Computador e Pão
Bom de Cama
A Dona da Comunidade
Arroema; Poegante

Sutura . 67

Off sina

Meus agradecimentos a:

Denise Azevedo. Fiel, constante, confiável interlocutora.

Sérgio Peixoto. Sua leitura crítica fundamentou minha vontade de ir mais além.

Vera Casa Nova. Apontando-me uma nova casa, apresenta-me aos seus moradores e franqueia-me seus jardins, para que neles deixe, também, meus rastros.

Sônia Queiroz. Sua presença me faz recordar a textualidade de Maria Gabriela Llansol, cuja escritura fulgoriza uma diversa leitura para os nomes. Para mim, o de Sônia está ligado ao Som, associado à Voz; tanto por defender virtudes em uma esmaecida oralidade, quanto por abrir-lhe canais de expressão. Estamos aqui a "ver se há técnica suficiente para que se possa abrir caminho a outros". Para que a Poesia não morra.

Apresentação

Vera Casa Nova

Todo poeta trama. Trama arditosamente a palavra que o une ou desune, junta ou disjunta os sentidos do leitor.

A poesia de Danilo trama a textura da seda cabralina e a pele-página para que aconteça o verso. Chama o poeta seu leitor, para que este componha um canto também arditoso. E assim, passando verso a verso a trama de um para outro, faz a faca cortar outras peles. Verso-faca que percorre a pele do leitor. Lavra o poeta. Não mais Bilac engenhoso parnasiano, mas Cabral, aquele João engenheiro de formas e concretudes maneiras. Reza a prece-poema do cotidiano, que desafia o ofício escolhido.

Trabalho da língua, como em "Ó Portugal,/pai da minha língua/minha amante" (*Poema do Desterro*), ou como no poema *Si*, em que o *i* fulgura entonações e ritmos, concretizando no *se*, invólucro do fonema, a memória do poeta.

Também esse sujeito é afetado pelos dias de todas as guerras e os horrores da natureza: *Iraq or Leans* - onde a palavra-valise se aglutina às dores do mundo, dilacerando o corpo do poeta. E em *Cultivo*, onde a letra brinca no jogo de semear.

O Nome da Falta ou o nome da perda faz desse sujeito lírico um clown de si mesmo. Aquele que ri, faz rir, chorando as faltas/perdas que, sempre em *fading*, mostra seu desejo no ato da escritura.

Brinca com a palavra aqui, acolá. Em *Heráclito* - homenagem ao filósofo dos ciclos, do vai e vem da vida, talqualmente em *Wally Salomão*, "esse árabe ginete ágil". Brincadeira séria, como convém a todo aquele que lê ou escreve.

Eis a poesia de Danilo Azevedo, que só agora mostra seus versos. Seja bem vindo às hordas marginais do poético!

Corte

Ode à Poesia

Todo poeta é prático
todo poeta é lógico
Alguns chegam a ser exatos
ordenam em linhas retas
ou estendem nas diagonais
O atônito embaraço dos arames
às vezes, farpados

Quando invade, a poesia,
As mãos podem estar ocupadas
Nada a impede
Nada a ela se opõe
À boca toma de assalto
É próprio, o corpo de sua linguagem

Põe o poeta a tatear entre pontos e furos
da trama de insuspeitados entrelaços
Tapetes persas
foram um dia
fios dispersos.

Quintana

Se fossem objetos,
seus poemas,
eu os espalhava
pela casa,
a enfeitá-la.

Linguagem

Minha mãe manteve sempre acesa
a chama de sua prece.
Meu pai comprava-me livros
Porta um filosófico nome
Descartes

D. Terezinha ensinava o código
às crianças
Ele transmitia em código
as mensagens da ferrovia

Caminhos de céu
pelas veias
Trilhos pelo terreno
paisagem entre estações

Restou terceira margem.

Incompletude

Vazio
oportunidade
de
poema.

Ler a Musa

Tem poeta que tem musa
Tem poeta que teima em ter

Tem musa alma de poeta
Tem musa pura analfabeta

Tem poeta que tem muitas musas
Nesse caso, nenhuma delas tem o poeta

Tem poeta que elege uma
Tem musa que só tem um

Tem poeta que escreve na musa
Ela tem, aí, o seu melhor papel

Tem poeta que come bebe usa e abusa da musa
Muita musa ao poeta acusa

Nesse caso não há poeta
Não há musa = musa não há

O que há é que a palavra é a moeda do poeta
A musa cega e surda mira outro alvo, seu querer

Pode ser que o poeta não queira musa
E sim, leitora, que o poeta seduza.

Caverna

Didentro do rio

olhando para

imargens.

Textura

Difícil distinguir
ainda no primaraiso
onde terminava a seda
onde começava a pele.

Acerca da Casa

Casa todos somos a nossa
Aquela, tão bom que seja a dela

colocar os paus em lugares vãos
no vazio ver o que nele há
dar razão com a chave à fenda
carregar nem sempre a cruz
Santo Andaime nos livra do torpor
o café? incerta hora
janela é pro universo poder vazar
a serra recorta não só o céu
a lata de tinta enconserva
verniz... gostam dele cultural
o maleável no arame é consistência
escada passa aos pés a ciência do sobedesce

Deixa espaço a cerca boa.
Todo tempo trabalho é.

Afazeres

Em sua faina
ela, descuidada, troca móveis de lugar
remexe minha estrutura adquirida
sem ver que a observo com olhos de desdém
e desaprovo
- tótons não se mudam impunemente.

E assim, enquanto, laboriosa, reproduz antigas receitas
eu, por meu lado, faço muxoxo
- rebuliço sem sentido.
É superfície o afinal, nessas mudanças
não transmutam, nem atravessam, tampouco transcendem
- não exaurem a substância.

Devir

As palavras
como poemas
e mobília
encontram
seu canto certo
o olhar preciso.

Apartamento

O som familiar
é de papel rasgado
- foto
à volta, ornamentos-tótems
totalizam o universo do meu ego
ambíguo
O ambiente é cambiante
em inúmeros pontos vácuos,
talvez um túnel, cuja entrada se camufla
- hoje com o som do noticiário,
amanhã com convites para festas.
Interface.
O silêncio, quando chega de improviso,
acrescenta um vazio de Odisséia
- contraponto e fuga
Levanto-me
onde está
Impessoal, o espelho é ameaça
Vou logo a ele
preencher seus limites
com o que penso ser eu mesmo
Extraface.

Astrológica

Em mandalas, nosso texto...
Poemas singulares cada um de meu Deus.

Vorazes quadraturas
trígonos amistosos
sextis prestativos
oposições como gangorras...
Mas
os sujeitos que se incumbam
de rearranjar os versos
reconhecer as rimas
harmonizar os paradoxos
solucionar as dissonâncias
erigir significados...
- Compor seu canto.

Bebês

Quanto mais marias,
tantos mais josés
carpintando
a engenharia dos planos já bem traçados.

Se, de fato,
há fado
sutil mas implacável
útil, paciente e terno,
quem há de resistir?

Alma
promissibilidade
lavra esculpida
fulge:
elo encarnado
age:
parar e ir

Parida
prece
presse nosso
pele vele jar.

Internautas ("Navegar é preciso")

Amargos não somos;
crianças, com barquinhos de banheira,
já empreendemos rumo:
Alistados nesta frota
- disposta no mar como rede -
vamos navegando...
cadê o nosso continente?
Quanto mais Bellas as pessoas desta rota
mais chance de tesouro
menos treva no porão.
Em alto mar, bravio ou manso
sondas certas e sinais,
pra lá e pra cá.
E enfunar as velas, esticar os cordames, conferir o sextante
Mas
Se tempestade no horizonte, cada um sabe o que faz...
Marcando seu litoral
Chegando mais leves.
Que partimos.

Perguntas que o Amor Desfaz

Hein? Beijos?
Invasão e seios

Dividir os meios
Mas também os quartos

Agora a despedida
fica longe da saída

Com partidas fazemos jogos de amor
Partir e repartir. A que parte ir...

Ao Pacífico os vikings nunca foram
Portugueses se apegam aos mares... e amares

Vikings, portugueses, mares, amares
anéis... correntes.

A Faca e a Pele da Foca

Olhos que não se cruzam nem em desafio
Ecos de telefones ocos
Fios finamente entrelaçando finais

Contentar-se com o planejado
Fazer por onde

Conto contigo
Quero que faça contas comigo
Quantas pedras removidas
Fantasmas não incomodam mais
Quantos metros quadrados à disposição
Versos e revoluções
Quantos relevos e quantas revelações
Quanto perdoar continuaremos a querer
Silêncios pra não abrir feridas
Quanto lamber o sangue se preciso for
Quão sólido pode ser o ar compartilhado
um ato um ártico uma articulação
Quantas tramas nos levam ao interlúdio
Intercursos claros e escuros

Contar com o tempo
Não apenas contá-lo
Agir no confiante silêncio
Vencer todo dia os demônios
Dar-se sem medo ao turbilhão
Fazer de fé e coragem o tecido de nosso dia.

Ofício de Ator (Na oficina de Al Berto)

Ouvíamos falar de prisioneiros
aqueles, de variados crimes
desses capitulados nos códigos legais
Ah, mas e a liberdade
para os crimes contra o coração?

Encenar em palco
nosso domiciliar dramalhete
Desempenhos
e papéis
(literalmente cartas, mimos e outros laços)
sempre teias
abastecendo a trama da rede dos fortuitos jogos
artifícios mesclados ao encenado descerrar de cortinas.

E toda a platéia, heterogênea,
entre as máscaras
de alternada psicofreqüência
escancara sorridente gargalhadas de pimentacolírio
ou ostenta brandindo entre dentes
- sorrisos de mal maquiado escárnio –
o fúlgido adereço de nossas algemas.

Poema do Desterro

Tenho alma portuguesa
banhada ao sol do novo mundo.
Somos muitos, somos muitos,
a maioria nem sabe.
Alma curtida em velas de sal
Só agora me dou conta.

Ouvi as vozes de seus poetas, Portugal,
Tenho saudade de suas bibliotecas.

Navegante,
juntei-me aos nórdicos,
enfeitado por seus cachos loiros,
seus deuses guerreiros.
A caminho
Descobri os furos em seus barcos.

Aliança desfeita,
quero dar meia-volta...
Ver se a luz das tardinhas em minha sacada
reflete seus crepúsculos de telhados vermelhos,

Ó Portugal,
pai da minha língua
minha amante.

Coágulos

O vermelho da paixão
dá trabalho
Todo dia ameaça tingir
o bolso da minha camisa
enquanto disfarça,
o meu sorriso.



Brincar com o abstrato
formulando o vazio
com ele criando perfeito continente
onde o grito se aninhe.



- Azevedo?!
O homem sem medo! – a resposta,
longe da ironia.
Hoje
sei que mentia...

Amálgama

O belíssimo menino
Flor mais cultivada
do exclusivo jardim da avó.

Iraq or Leans

Pobre Pérsia
Pobre América

Num e noutro
nu pobre e nu rico

os pobres
e suas mortes

trombas de fogo
e bombas d'água

a impotência
a expotência

inex aplicabilidade
assassina da

pobre morte
preta.

Linha do Tempo

A metade da cidade

Eu

Outra metade.

Si

Sometimes
eu queria
ir
que eu
trocar ia
versos por es
 qui
 nas

ia ver
revira
voltas

vai
que eu
voltas-
se
e vísse a -
se
em
ver i ficar
See,

Se...

A Cidade

A cidade sereia
esparsa em seus cantos
Jazigo
forja paralela
Veia
continente alquímico
A cidade baluarte
antena
eco
memória
A cidade palavra
apressada
engolida em entrecortes
Revista
vitrine de sonhos dormidos
tecido e açougue:
restos em exibição.
A cidade magnética
condomínia
explode centrípeta em bolhas periféricas
A cidade faz-de-conta
esponja
abresorvente
A cidade zona
tráfego
engano
inesgotável imundície
A cidade múltipla de esquinas
esquivas como poemas
A cidade que se repete
como versos obsessivos

Mãe

...maternidade...

Mas

A cidade

elo

ponte

intervalo de natureza.

Alguém Chamado Rio

Os rios estão sempre indo embora
a fertilizar desertos
a recolher os lixos
ganhando tempo, sinuoso,
para ver-se de frente
transportando vida
absorvendo barrancos
amolecendo a pedra
testando a coragem, ao lançar-se em queda
procurando uma sombra
evaporando febril e lentamente
talvez como serpente
dando a si para beber
distribuindo e levando além
na nostalgia do primeiro fio d'água
talvez envenenando e se
modelando
desconformando margens
querendo o transbordar
atraindo bichos e homens
recebendo nomes diversos
espremidos em desfiladeiros
clamando a abertura das comportas
arrebentando a tortura das barragens
estrondando nos encontros
sorrindo ao céu de uma reta
volteando em abraços
Mar é ambição de rio
Lagoa - seu grande medo
Certo mesmo é que rios estão, sim, sempre a ir-se embora.

Bi-Polar

Ela bebia vinho
ele
 Não
escrevinhava
sóbrio
ela o via sombrio

Questão
de grau
teor
valor

Diferiam
números
preponderam
sobre letras

Muda o conto
o alfabeto
permanece
A-Zevedo.

Apelo

Aninhara-se entre uns ciscos
e o resgate
- dentre as dobras -
por um triz de tempo
equiparou
as remoídas
toneladas
dos argumentos
de não.
Um fio.

São João

Usam meias coloridas
saias podem ser pastel
Gostam de faixa sobre a testa
em festas usam chapéus
Dançam nos rituais
xamânicas inteiras, fogo e cor
Vivensinam
belas, sedutoras histórias
Lêem seus textos de método
semeiam o fazer desabrochar
Quando se reúnem,
concerto para voz e ombros...
Traçam flores em caminhos já abertos
medianam o peso e a leveza de seus passos
Elas
Belas crianças querudas
quando dançam, ficam mais próximas de si mesmas
Elas
As professoras de jardim.

Insites

Sobre *Trovoadas*, de Carlos Nader

Trovo nada
travotudo
traçonauta treco-treco

Tiros no escuro
Tremendas revoadas
Fótons na caverna

Estilhaços com estilo:
um bem no coração
outro no olho do neurônio.

Em céu de agonia
oito astros aluados
tanto vagos

Tanto lagos,
pedindo pela pedra
e seus círculos.

Ecoss

Entrevi nas trevas
um canto, um banco
Virei barqueiro cantador,
de espanto espalhado
em constelações de ideais

Entrevi
vi entre os ramos
os rumos do meu mau humor
por
ricos que troçavam
pobres que tropeçam
em seus trastes

Entrevi
sentei-me no banco do canto,
filtrei minhas dores
reuni as estrelas
ordenei os séculos,
recriando o universo.

De entrevista luz,
calor tirei
as dores, deixei
constelações, esqueci
E sozinho, de novo, me vi.

Cultivo

S.....
Se..... e
mente..... m
Se..... e.....
ente..... n
Sêmen..... t
e.....

Cadávres

Extinção de espécies inteiras
qualquer dia só ficarão os ratos

Extinção de florestas inteiras
qualquer dia só ficarão

Extinção de minas inteiras
qualquer dia só

Extinção de povos inteiros
qualquer dia.

Conjugações

Eu faço
tu falas
ela falta
nós facultamos
vós fatais
eles fagulham

Eu me esfalfo
tu te esmeras
ela me esfolo
nós nos esgotamos
vós vos escusais
eles se espelham

Eu teimo
Tu temes
Ela tem

Eu gemo
Ela, gema.

Eu ela
Ela eu.

Voz

**Wally Salomão
para Maurício S. Vasconcelos**

Wally
árabe ginete ágil
caravana lâmina
trespassando o deserto da mesmice
train pra Tropicalha
Caudal
Wally monolítico monológico
epigrávido epiapostólico espasmelódico
Messiânico: mess mesmiragem mesmerícia
- Que mistério tem Clarisse?
Pregador benzedor exorcista da mixórdia
Arauto das aturdidias paralatitudes - Bagdad
Em qual idade se fundou o abismo da ternura
e o despertar do espírito de Chacrinha?
- Terezinha!!!
Escuta seu escracho, Ab El Ardo:
-Tou poeta e sou da prosa!

Baiano mouro!
- ventríloco -
...malha com a fala rouca, sem roupa vergonha ou arreio
Cavalo solto
Tuaregue sem arrego,
subverte sequestra incendeia
deseja e calcina
ânfora, cânfora, câmara de ecos, tâmaras secas
um virtual mundo de virtudes é oásis

Poeta mercador trepa a dor
enreda se enrodilha não se rende
todo poeta que tange o asco

trata e destroça, destrata e troça
traça all gotta vias para Meca

Para que um dia se rompesse a linha
a linha ilusória zinha
entre o não-ser e o renascer

Poesia é... poesia é a... ... EXPIRAL...

Às Amigas Multi-Descasadas

Um marido.

Dois maridos.

Três maridos.

Mares idos.

O Nome da Falta

Estranhar a perda
desentranhar a perda
surpreender a perda
dormir com a perda
comer a perda
baixar-se na perda
sonhar com a perda
construir a perda
missilizar e alvejar a perda
amaldiçoar a perda
putalizar a perda
exonerar a perda
esterrar e exilar a perda
desmistificar a perda
desembalar a perda
desmemorizar a perda
acariciar a perda
resignar-se com a perda
amar a perda
completar
irremediavelmente
perda.

Bruxília

Jota!...
Ká, Jota...
Cá...
Ó
Aqui
Cá, Jota!
Ó...
Embaixo
Ói...
Volta
Jota...
Cá
Já
Faz jus...
Jota... Ká
Cheque
Ó
Já
Mai
Jota,
Não venha
Buscar
ainda o seu
Os..car
Jota! Ká,
Jota!

Ôôô...
Na quimera
desfizeram
seu concreto.

Heráciclo

Um poeta
não entra
duas vezes
no rio de um
poema

Duas vezes
no mesmo
não entra
o poeta

Um rio
não entra
no poema
duas vezes

Um poeta
duas vezes
não entra
no poema
do rio

No rio
do poeta
um poema
não entra
duas vezes

No mesmo
de um poema
um rio do poeta
não entra

No rio do mesmo um poeta não entra.

Talhe

Poema Sertanejo pruma Mulher do Mundo

Precisei ir
sem palavras trocadas
a um lugar do seu passado, no oculto do mundo,
sentir talvez o mesmo sopro de brisa sertaneja
pra respirar afinal a liberdade.
Solto nas estradas que me ensinou a amar – como aos cães
mesmo com escolta que guardava não a mim
mas ao dinheiro que levava
- que eu poderia depois perfeitamente ser jogado às onças -
atravessando vilarejos de mendigos governamentais
foi lá
- graças à bolsa escola na balsa do velho rio dentro da
cabine da D-20 -
imerso, mas sabendo agora que outro é o interior que me
aguarda
no silêncio viajante que só ouvia os casos dos companheiros
que entendi o tempo e a razão da distância
feliz comigo mesmo e só
Solto, depois de não ter te prendido
descobri a maravilha da forja
e a inutilidade da força
pronto pressa empreita sem prazo de acabar,
topei de cara com a vida
que sem surpresas não é.
Sei que um Plutão desmantela o macho marciano
e de teus signos também sei, mas te confesso agora que egoísta
me calei sobre eles
não adiantou
ou sim, avançamos além do ponto onde paramos
Cê escreveu em mim
pequenas pérolas pra tentar viver melhor
eu como levo mais ao pé da letra
fui literal

Gota a gota, leite e lacre,
selei seu destino.

Faremos amor pelos caminhos.
Nossa casa será tenda
Asa.

Computador e Pão

Muita gente quer o computador
Todos querem pão

Fazer o pão
Entreabrir o pão
- Como, às vezes, o coração
Amar o pão
Ou não
Computar o que se come
Computar o que se dá, o que se ganha

O pão computa o tempo das pessoas
O computador mede o pão consumido
Pão comido é pão resetado
No computador se paga o pão
também se apaga o pão
Quem o computador apaga
Tem mais tempo pro pão

Jovens são precisos em computador
Os mais velhos medem
o tamanho exato da fome familiar
Jovens mentem pra ganhar tempo
Velhos às vezes mentem
para enganar o tempo que têm

Jovens querem correr pro computador
Velhos querem comer o pão e descansar depois
Os mais jovens têm impaciência de computador de fila
Os velhos, assegurados do tempo exato de seus remédios,
têm mais ciência que o computador e que os jovens

Computador e pão não combinam
nas padarias de longínquos, velhos bairros,
onde se empregam moças parece vindas da roça

Computador é pão.

Bom de Cama

Oferece a boca e seu céu
Língua lambe limites
desarma a couraça
sabe ser a hora de calar
outra linguagem vai ser falada
Falo e brasa, falo e vôo
Altura e abismo, cuidando do bom pouso
Sexo de pura raça
O bom de cama
Sabe da rocha da areia da grama
da cachoeira
Carro mobiliza sarro e o câmbio engrena prazeres
Marchas lentas e aceleradas ao ponto
tudo menos morto
Mas antes o bom de cama
Está no pensamento muito antes de acontecer
É no passado remoto e recente
É na manhã de ontem
Que se dão a entrega e o recebimento
Mistura de força e sutileza
Músculos sangue chacras pelos cabelos unha
Principalmente
O olhar no olhar de quem goza
O bom de cama
nem precisa ser atleta
Só precisa estar atento

O bom, na cama,
Sempre o é,
Pra quem ama.

A Dona da Comunidade

Quem é a simpática jovem senhora que sorri afavelmente ao mesmo tempo em que certeira arrebenta minhas represas nesta manhã dominical em que me encontro só, em casa, à revelia, assistindo e simultaneamente sendo ator na eterna peça do duelo que se trava entre o livre-arbítrio e o destino?

A quem devo endereçar minha gratidão por ter involuntariamente dado a mim a chance de ter aliviado nem que ainda insuficientemente a pressão das águas, mesmo que as palavras de que é portadora aparentemente mirassem o alvo da assertividade?

Quem me deseja a paz que anda exilada por mais que perseguida, e cujo exílio me deixa à mercê de uma invencível sensação de desamparo?

Quem me obriga a usar de palavras em um esforço que talvez seja benéfico daqui a poucas horas quando voltar do profundo sono a que pretendo me entregar nesta hora em que todos menos eu e os famintos do mundo normalmente almoçam suas certezas?

Quem afinal é essa que uma fortuna qualquer colocou neste momento como minha única e possível interlocutora, e a quem obrigo a ler estas amarguras que não fazem parte da minha combativa natureza?

É a que cita Apollinaire, que por extraordinária coincidência vem a ter sua imagem em quadro repleto de símbolos caros ao meu inconsciente exposto aos meus olhos cada vez que ligo o computador.

Arroema; Poegante

Conselho a um bom jovem:

Faça-se admirável

Aguarde, sereno, o dia da caça...

Àquelas, renúncia ou sedução

- olhares assim, ultrapassando trajés

Desfaria de bom grado

as listras de suas blusas impecáveis

Um me contarão seus sonhos

Outras vão me exibir suas compras

- algumas, elmos e outras maneiras de máscaras

Poucas despertarão em mim o desejo completo

Dessas, saudade, quando insuficiente a própria cama

Muitas, despojadas, vão precisar de espelho

Tantas, produzidas, vão buscar seu reflexo

Um belas se acham eternamente feias

As feias teimarão na lindeza

Às que reclamam de tudo

sucedem as que nunca leram a frase:

"Amar não é aceitar tudo"

Em todas, uma beleza qualquer

Algumas conservam brilhos antigos

Há, em tantas, futuros esplendores

Algumas portarão nomes feios

Outras dirão palavrões

As que silenciam dirão com olhares

As que não se calam um dia desses vão emudecer

de espanto

As guerreiras enfrentam um milhão de moinhos

As outras vão acender uma prece ao pai

As mais finas liquidarão com a rudeza

As brutas sentirão pena de poetas

Um não de querer muitas vezes ao dia

Outras, sem saber da loucura, esperarão a lua cheia

Em barcos muitas não de pisar, ressaltada a boa capitania

Embargos muitas delas criarão a todo momento

Um já se colocaram ao alcance da mão

Outras escorrerão pelos dedos

Um irão reservar um bom vaso aos botões

Outras gozarão quando cravarem espinhos

De muitas nem lembrança hei de querer

Todas me farão aprender

Das que requerem ensinamentos crônicos, uma légua

Das que pretendem mudar como as estações, duas

A princípio, mesmo as chatas terão chance,

dependendo de seus côncavos...

A todas, a delicadeza de serem únicas

Um só vai prosseguir

a

cartografar quadrantes

escandir o tempo

quadrimensionar espaços

desbilisar o rancor

comemorar sonhos

desimcubir embaraços

desiludir fantasmas

propagar as vitórias

esclarecer as dores

debulhar cristais

saber: poesia é papel. De seda.

Ouvir de mim

-Ainda te amo, minha velha. Obrigado pela companhia.

Riso nu, à beira do Logos.

Sutura

De: dalivedo@uol.com.br
Data: Sexta-feira, 10 de agosto de 2006 22:40
Para: denisenn@nnnn.com
Assunto: Off Sina

Olá

Reescrevi o poema que te mandei naquela msg "Pra que serve a poesia"... Te mando agora grande parte do percurso, só pra que vc veja como funciona o processo, geralmente árduo, que despotiza não só o candidato, como também o poeta pronto e acabado. Não é à toa que um título provável para o livro que vou conseguir publicar um dia é: *Despoemas*. Por remeter tanto à desconstrução (que o poeta faz de si e do mundo), quanto à palavra déspota... que, não vamos nos enganar: uma "caneta" muito bem poderia ser um chicote, um tacape, um florete.

Bom, voltando à oficina. Veja como a idéia, trabalhada, foi se afastando da discursividade e do clichê. Mas não vai parar aqui, pois ainda tem algo – destacado entre aspas - que me incomoda muito. Se conseguir uma solução, ótimo. Do contrário, devo deixá-lo guardado e voltar a ele outra hora. Preciso manter um entusiasmo qualquer.

Acho que tudo isso pode interessar a vc, pela observação de como se escolhem os significantes. Vou aprender algo, se quiser comentar alguma coisa.

Encontrei seu fio
caído será quando no sofá da sala
e ele
a julgar por minha emoção
fez pesar para o seu lado.
Como pode tão leve parte de um corpo
da qual se destaca, em beleza, os cabelos,
tornar insignificantes toneladas de argumentos contrários?
Assim é

tão frágeis
e poderosamente
os fios que nos ligam.

Rastro

Encontrei seu fio
caído será quando no sofá
e ele
firme preso entre solitários dedos cuidadosos
fez pesar para o seu lado.
Como pode tão invisível parte de lembrança
significar sozinha
contra toneladas de argumentos?
Assim são
tão frágeis
e poderosamente
os fios que nos ligassem
Embora
as montanhas
aguardem
você, seus ventos.

As duas versões de agora foram feitas praticamente juntas,
uma logo em seguida à outra:

Rastro

Seu fio
qual a letra
principal de uma palavra
foi resgatado entre as dobras
dias depois da mudança
Confesso que
por instantes
ele pesou
muito mais
que as toneladas
dos argumentos de não.

Rastro

Seu fio
qual a letra
"A da palavra a....r"
aninhara-se entre uns ciscos
e
o resgate
- dentre as dobras
por um triz de tempo
equiparou
as toneladas
remoídas
dos argumentos
de não.

Neste exato momento, encontrei outros fios, veja só:

Apelo

Aninhara-se entre uns ciscos
e o resgate
- dentre as dobras -
por um triz de tempo
equiparou
as remoídas
toneladas
dos argumentos
de não.
Um fio.

Então: o apelido carinhoso com que eu a chamava, *Aninha*, incluído (como obviamente vc percebeu) em "aninhara-se", acabou me dando um título tão bom quanto "Rastros"; porém, mais pertinente, no caso: de apelido para apelo, a distância menor que um fio. "Apelo" é melhor por marcar tanto "pêlo", quanto a comoção advinda naquela hora, e que está implícita na situação toda.

Abraço.